

Arte e ensino: uma possível educação estética

Lurdi Blauth

Introdução

As manifestações expressivas, a atribuição de significados, o acesso aos meios e as ideias presentes no ambiente cultural influem no desenvolvimento do ser humano, ampliando ou restringindo o seu conhecimento e a sua capacidade de apreender o mundo de forma sensível ou não. Parafraseando Merleau-Ponty, o mundo não é restrito ao que pensamos, mas também como articulamos o sentir e o viver. Ou seja, o intelecto não é a única via de conhecimento, uma vez que não conhecemos uma cidade apenas analisando a sua cartografia. É preciso algo mais. É necessário integrarem-se sentimentos e valores, provenientes do envolvimento com experiências vivenciadas. Essas experiências adquirem significado e se completam no momento em que compreendemos a abrangência cultural do sentir, do pensar e do fazer. Portanto, o ser humano não é neutro; é "receptor de sensação e doador de significação, usufruidor de sensação e interrogador de significação" (Soulages, 2004, p. 21).

O homem não cria porque quer, mas porque precisa. O homem, ao tornar-se consciente da sua existência individual, também se conscientiza da sua existência cultural e social. A conscientização inter-relaciona fatores internos e externos e, conseqüentemente, integra as potencialidades individuais com as possibilidades culturais. A pluralidade de pensamentos, objetivos, necessidades de afirmação e aspirações subjetivas coexistem simultaneamente, orientando os comportamentos sensíveis e conscientes do ser humano. E a cultura é entendida como um processo dinâmico, pois está em constante transformação.

No entanto, para identificar e apreender a própria realidade e a realidade do outro, é fundamental que o ser humano tenha a oportunidade de reconhecer os próprios códigos simbólicos, detectados principalmente nas produções artísticas nas suas diversas manifestações expressivas. O desenvolvimento das próprias potencialidades criativas propicia a percepção e a análise crítica, também, das potencialidades do outro, oportunizando ao indivíduo tomar um posicionamento mais participativo e transformador da realidade, de forma mais consciente e humana. E a arte é uma das vias do conhecimento que auxilia o ser humano a identificar os sentidos e os significados acerca das suas semelhanças e diferenças. Nesse sentido, a arte pode contribuir para marcar as diferenças e as especificidades que são visualizadas nas imagens, gestos, formas, cores, ritmos, etc. E a educação pela arte poderia viabilizar meios para o indivíduo compreender e decodificar as diferentes formas de fazer, pensar e sentir presentes nas representações simbólicas da arte e que perpassam as produções culturais locais, regionais, nacionais e de outros países.

Arte, ensino: uma possível educação estética

Para discutirmos a disseminação de uma possível educação estética acerca das diferentes manifestações expressivas da arte, precisamos levar em conta o fato de que

essa ampliação do conhecimento perpassa pelo educador e pelo aluno. Ou seja, de um lado os educadores vêm munidos de conceitos e preconceitos estéticos, refletindo os seus próprios códigos acerca dos valores culturais, e, de outro, os alunos provenientes de diferentes espaços e realidades também manifestam em suas experiências as suas vivências culturais, nas suas semelhanças e diferenças étnicas, de gênero, níveis sociais, etc.

Nesse sentido, o educador – refiro-me ao campo do ensino da arte – tem um papel fundamental no momento em que vai colocar-se e propor experiências estéticas aos alunos, pressupondo desenvolver a capacidade de criação e de percepção dos sentidos e dos significados presentes na própria cultura e na cultura do outro. O educador precisa continuamente alargar os seus conhecimentos sobre a função da arte no campo epistemológico, procurando entender como estes outros indivíduos expressam a sua subjetividade, estabelecendo uma melhor interação e compreensão com as produções estéticas de outras culturas. Ou seja, é necessário que o educador vislumbre possibilidades que oportunizem estabelecer conexões significativas para que os alunos possam identificar e assimilar as diferentes expressões estéticas que, muitas vezes, não têm nenhuma relevância justamente pelo desconhecimento dos seus códigos simbólicos. O entendimento de que as produções estéticas configuram-se a partir das múltiplas inter-relações culturais, com as suas diversas especificidades, geram possibilidades de enriquecimento mútuo e, também, podem minimizar as diferenças.

No entanto, o que percebemos nas propostas do ensino da arte é uma certa ênfase em conceitos estéticos que privilegiam estruturas e delimitações a partir de um conhecimento erudito, desconsiderando os valores culturais específicos que perpassam os campos diversificados das ações e produções artísticas. Um dos desafios talvez seja a busca de meios e saberes que vislumbrem a decodificação e o reconhecimento dos significados, tanto nas produções estéticas consideradas eruditas como nas produções estéticas populares. Nesse aspecto, é fundamental que educadores estejam abertos para a apreensão das manifestações expressivas de outros contextos culturais e que vão além da identificação dos conceitos que balizam a arte europeia e norte-americana, sem desconsiderar as produções contemporâneas da arte.

A apreciação das produções estéticas observadas em outras culturas, segundo Richter (2003, p. 45), "deve partir de uma visão etnocêntrica, do seu próprio ponto de vista, enfocando as características especiais dessas culturas, suas conquistas culturais. Partes do currículo são então transformadas, passando a adotar diferentes etnocentrismos em vez do eurocentrismo tradicional".

As proposições do ensino da arte, na perspectiva da diversidade cultural, deveria buscar o desenvolvimento de uma educação estética com o intuito de aproximar os alunos das realizações e das experiências multiculturais, oportunizando a construção de uma visão abrangente dos seus códigos culturais, ampliando os seus posicionamentos de forma que possam construir uma análise crítica diante das produções consideradas eruditas e populares. Aqui não se trata de considerar o que é

bom ou ruim nas produções da arte erudita ou popular, porém de levar em conta que o conhecimento acerca das diferentes expressões estéticas podem ser enriquecidas mutuamente. Nesse enfoque, permite-se que "os conceitos, os assuntos, os problemas e os temas sejam vistos desde as múltiplas perspectivas de diversos grupos culturais, étnicos e raciais" (Chalmers, 2003, p. 90).

A diversidade dessas relações e inter-relações estabelece-se de maneira dinâmica, transformando-se constantemente de acordo com os modos de produção, resultando nas significações e valores específicos em relação à forma e à função da arte. Para Canclini (1980, p. 78), "não existem propriedades constantes nas obras artísticas, nem nos objetivos de sua produção, nem nos hábitos perceptivos dos receptores ao longo da história; o artístico não é uniformizado pela prepotência dos meios de comunicação de massa e, mesmo então, varia segundo as relações que os homens estabelecem com os objetos".

A presença multicultural pode ser detectada numa mesma sala de aula, por exemplo, cujo espaço pode ser utilizado pelo educador para desconstruir conceitos e preconceitos, oportunizando a construção de uma atitude crítica no que diz respeito aos componentes estéticos da cultura local, regional e de outras nações. Cabe mencionar que os aspectos da diversidade cultural nos remetem para as questões que enfocam o multiculturalismo ou a pluriculturalidade, cujas terminologias pressupõem "a coexistência e mútuo entendimento de diferentes culturas numa mesma sociedade e o termo intercultural significa a interação entre as diferentes culturas" (Barbosa, 2002, p. 19).

Os professores de arte deveriam propiciar a imersão nas questões que envolvem os conceitos de uma educação estética multicultural, respeitando e valorizando as experiências encontradas nas diferentes produções estéticas. O aluno poderia ser instigado não apenas para conhecer determinados artistas, mas, fundamentalmente, ser preparado para apreender a riqueza e a singularidade das produções estéticas de outros tempos e lugares, onde indivíduos expressam a sua realidade, suas esperanças, seus medos, seus desejos, suas crenças. Entendemos que, "além dos objetos ou atividades presentes na vida comum, considerados como possuindo um valor estético por aquela cultura, também e principalmente a subjetividade dos sujeitos que a compõem e cuja estética se organiza a partir de múltiplas facetas do processo de vida e de transformação" (Richter, 2003, p. 20-21).

O educador, ao eleger um determinado assunto, deveria propor estudos, observações e análises em colaboração com os alunos, procurando buscar elementos simbólicos que estão presentes nas imagens e como os diferentes grupos culturais dão significado às suas ações, considerando os aspectos mais relevantes e os mais comuns. No entanto, percebemos que muitas vezes são propostas atividades equivocadas, nas quais os alunos são levados a criar imagens por meio de materiais que não têm nenhuma referência com determinada cultura, reproduzindo formas artísticas estereotipadas da própria cultura e também de outras culturas, sem aprofundar as origens, as transformações, as significações. Aqui podemos citar as reproduções de

"artefatos" sem sentido para o dia do índio, o dia das mães, as festas juninas, outros exemplos.

Nesse sentido, é preciso romper com uma educação estética que fomenta apenas a reprodução de estereótipos. É necessário viabilizar meios que impulsionam o aluno a ser mais perceptivo e criativo diante das múltiplas diversidades, desigualdades e limitações, buscando apontar para outras perspectivas que vislumbrem a construção de uma sociedade mais justa e humana. Além disso, educadores e alunos precisam compreender que nenhum grupo racial, cultural, ou de qualquer nacionalidade, é superior a outro, assim como as manifestações expressivas de nenhum grupo são também superiores às de outro, e que a igualdade de oportunidades, seja no espaço escolar ou fora dele, é um direito de todos e independe das diferenças étnicas, sociais, econômicas, religiosas, habilidades físicas, etc.

O que buscamos numa sociedade multicultural são as aproximações e as semelhanças, pois as diferenças são mais fáceis de detectar, e talvez seja por meio da arte que possamos encontrar possibilidades de um diálogo comum. Indagamos: como podemos nos aproximar e conhecer a cultura do outro? Num primeiro momento, precisamos conhecer a nossa realidade, como nos movemos dentro de uma visão ocidental, com as nossas especificidades de sermos brasileiros, com as nossas múltiplas influências e diferenças locais, regionais, étnicas, etc., delimitando o nosso imaginário e a nossa maneira de relacionar valores, compreender, apreender e manifestar códigos estéticos, etc. E, além de todas essas questões internas ao nosso país, é fundamental desenvolvermos a percepção e a sensibilidade de que certos valores são provenientes do domínio de outras culturas, cujas tradições, linguagens, modos de vida, desejos, etc., merecem ser respeitados, para promovermos a harmonia mútua entre todos os segmentos.

Diante dessa diversidade de enfoques culturais, de ideias e de produções estéticas, como os professores de arte podem articular todas essas diferenças e estabelecer o que é importante numa cultura específica? Um enfoque multicultural da educação não exige simplesmente uma inclusão da arte de outras culturas no currículo; é necessário redimensionar os questionamentos em relação às percepções rígidas e preconceituosas da realidade, buscando novas aberturas para entendermos que, desde sempre, a arte se enfrenta com ideias, necessidades e valores. Nessa perspectiva, o educador e/ou o professor de arte, mesmo com certas dificuldades pelo escasso material produzido a respeito das produções estéticas de outras culturas, precisam problematizar as questões da arte em seus diversos aspectos, buscando aprofundar os estudos sobre os processos e procedimentos que envolvem a produção das diferentes formas expressivas, com o intuito de superar os próprios limites conceituais e os dos seus alunos. Ao provocar a reflexão crítica sobre os valores estéticos presentes nas diversas produções artísticas, detectamos as suas semelhanças e as suas diferenças, que podem ser resinificadas de acordo com as diversas realidades culturais.

Ao mesmo tempo em que a compreensão de arte dos educadores está condicionada a sua própria cultura, desde a seleção de meios e de materiais, é necessário propor

estudos que fomentem a inclusão das questões multiculturais. O ponto de referência inicial deverá partir da análise e da observação da bagagem estética dos próprios alunos, da família, da comunidade local, estabelecendo conexões perceptivas dos próprios códigos com os do grupo. Porém, de outro lado, é necessário que sejam alargadas as fronteiras dos seus próprios limites e, muitas vezes, de exclusão, por meio de propostas que permitam novas "aberturas" e experiências estéticas.

Dessa forma, a educação através da arte pode converter-se num agente de transformação social, desde que haja uma certa compreensão dessa amplitude multicultural, oportunizando a percepção das propriedades e das qualidades existentes nas diversas formas visuais, valorizando os princípios que fazem parte das estruturas do contexto imaginário das obras de arte de outras culturas. Isso significa que a cultura é resultante das lutas de toda a humanidade, não como a posse de um único grupo étnico ou racial.

Chalmers (2003, p. 44) considera que "a cultura pode ser entendida como um conjunto de formas que um grupo tem de perceber, de criar, de valorizar e de comportar-se". O autor assinala que a arte e a cultura têm alguns aspectos em comum: ambas se apreendem vivendo em um determinado contexto e geralmente por meio de um processo de instrução formal; ambas são compartilhadas pelo grupo; ambas são dinâmicas e mostram a capacidade de adaptação; ambas podem ser reordenadas e negociadas. Podemos dizer que a cultura é um processo dinâmico que se amplia à medida que se compreende a própria cultura e também se amplia o conhecimento das outras culturas.

Contudo, diante dessa complexidade de possibilidades de reflexões e estudos, o educador não tem condições de conhecer e nem de compreender todas as manifestações culturais, porém ele deve ser um facilitador, um mediador, um instigador que orienta e estimula os alunos a descobrir essa imensa riqueza das experiências estéticas que estão além de um ensino que promove apenas uma variedade de atividades técnicas e materiais, oriundas apenas de um único ponto de vista. Isso se dá ao estabelecer conexões com produções estéticas de outras culturas e entender que, a partir de um certo ponto de vista, determinadas manifestações expressivas são válidas naquele contexto e que ocasionaram impactos naquele período histórico. Isso, porém, não significa negar os conceitos tradicionais do passado; ao contrário, é preciso estudá-los e compreendê-los de forma adequada, para que possamos manter o que ainda significa e o que ainda pode ter validade e ser transformado.

Nessa perspectiva, as propostas norteadoras da educação devem refletir sobre a pluralidade e a singularidade, sobre as questões que envolvem os procedimentos gerais e os processos que interagem com as especificidades individuais dos meios de criação e de transformação. Ao fomentar a compreensão da amplitude das formas de pensar e o fazer das diferentes culturas, entendemos que as produções estéticas da arte ocidental podem ser explicadas dentro desse contexto, assim como a produção estética de outras culturas. E a arte, como qualquer outra área de conhecimento, está

socialmente construída, refletindo as perspectivas, as experiências e os valores daqueles que a criaram.

No momento em que se estabelece o diálogo com as especificidades das formas de pensar, de sentir, de fazer e de expressar, as verdades estabelecidas podem ser ressignificadas e repensadas e, assim, contribuir para o alargamento dos referenciais estéticos que estão além da denominação de arte erudita e popular, das artes consagradas como maiores e das artes consideradas menores. Ao compreender as singularidades da própria identidade e diversidade humanas, educadores e alunos têm condições de entender as representações e as manifestações expressivas do outro, tomando consciência dos limites e das restrições impostas pelas diferenças sociais e culturais.

[...]

Referências bibliográficas

- BARBOSA, A. M. (Org.). As inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.
- CANCLINI, N. G. A socialização da arte: teoria e prática da América Latina. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CHALMERS, F. G. Arte, educación y diversidad cultural. Barcelona: Paidós Ibérica, 2003.
- FOREST, F. Repenser l'art et son enseignement. Paris: L'Harmattan, 2002.
- RICHTER, I. M. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- SOULAGES, F. Estética e método. Ars, São Paulo, v. 1, n. 4, 2004.

Lurdi Blauth

Doutora em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora e coordenadora dos cursos de graduação de Artes Visuais, Ensino da Arte na Diversidade e Arteterapia, e de pós graduação lato sensu, em Poéticas Visuais, Ensino da Arte e Arteterapia do Centro Universitário Feevale, Novo Hamburgo, RS. Participa de exposições individuais e coletivas, nacionais e internacionais.

lurdi@uol.com.br

Em Aberto, Brasília, v. 21, n. 77, p. 41-49, jun. 2007.